

MÂNTUA, BENTO

(Luanda, 1878 – Lisboa, 1932)

Foi um dos autores revelados por Araújo Pereira na temporada do «Teatro Moderno» (1905), com o acto em verso *Novo Altar*, de um violento anticlericalismo. Três anos depois o seu drama regional *Má Sina* subiu à cena, com grande êxito, no Teatro Nacional, onde em 1912 se representou o episódio miserabilista *O Álcool** e em 1913 a comédia *Gente Moça*, enquanto o drama antimilitarista *Ordinário... Marche!** era rejeitado sob a acusação de «agravar o Exército». Escreveu em colaboração com Salvador Marques *A Tríplice Aliança*, com Ernesto Rodrigues *A Tia Ricardina*, com Luís Barreto da Cruz a peça policial *O Crime da Avenida 33* (1914), e com o actor António Sacramento o drama histórico *O Cerco de Tânger* (1923). É ainda autor de várias peças em um acto, entre as quais *A Morte* (1912), *O Fado* (1915), *A Freira e Furtar* (1916), *O Passado* (1923), *Quando o Coração Manda* (1932), *A Cigana* (com António Sacramento), *Um Homem, Daqui a 30 Anos*, *Quem me Dera Ver* e *Mulher, Sempre Mulher*. Temas e personagens caros à dramaturgia naturalista, nem sempre isentos de um convencionalismo que trai as suas origens românticas, alimentam o teatro deste autor, hoje esquecido, mas em cuja obra se deparam valores ainda susceptíveis de aproveitamento.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 93.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.